

## **ANGÚSTIA E INFÂNCIA, DE GRACILIANO RAMOS: A HIBRIDIZAÇÃO ENTRE O AUTOBIOGRÁFICO E O FICCIONAL NA COMPOSIÇÃO DA INFÂNCIA DOS PROTAGONISTAS**

### **ANGÚSTIA AND INFÂNCIA, BY GRACILIANO RAMOS: THE HYBRIDIZATION BETWEEN AUTOBIOGRAPHICAL AND FICTIONAL ASPECTS IN THE COMPOSITION OF THE PROTAGONISTS' CHILDHOOD**

**Marcelli Claudinni Teixeira Cardoso<sup>1</sup>**  
marcelliclaudinni@hotmail.com

**Fátima Cristina Dias Rocha<sup>2</sup>**  
fanalu@terra.com.br

**Resumo:** O presente trabalho tem por principal objetivo verificar as estratégias de ficcionalização, no romance *Angústia* (1936), dos personagens que aparecerão mais tarde na autobiografia de Graciliano Ramos, *Infância* (1945). Estudamos o uso que o romance *Angústia* faz da hibridização entre o autobiográfico e o ficcional. Para tal estudo, utilizamos como base teórica escritos de Philippe Gasparini (2004), Antonio Candido (1992), Silviano Santiago (2003) e Wander Melo Miranda (1992). Ao estudarmos o romance *Angústia* e a autobiografia *Infância*, percebemos semelhanças que permitem um cotejo entre as obras. Há vários pontos em comum entre a infância do protagonista Luís da Silva, de *Angústia*, e a do menino de *Infância*. Além disso, notamos que muitos dos personagens do romance aparecerão mais tarde na autobiografia do autor, conservando os seus nomes, o perfil delineado em *Angústia* e o contexto que os define. Além de compartilhar personagens e situações experimentadas na meninice pelo protagonista de *Angústia*, a autobiografia *Infância* reproduz, para caracterizar tais personagens e situações, trechos semelhantes aos de *Angústia*. Sendo assim, é importante ressaltar que nossa pesquisa chegou à conclusão de que *Angústia* não é um romance autobiográfico. Apesar de sugerir um certo número de operadores de identificação entre a vida do protagonista Luís da Silva e a do autor, há mais índices de ficcionalidade na obra, os quais nos possibilitam estudá-la como uma obra de ficção que possui alguns traços autobiográficos, tendência comum entre nossos escritores modernistas.

**Palavras-chave:** Graciliano Ramos. *Angústia*. *Infância*.

**Abstract:** This paper aims to examine the strategies Graciliano Ramos uses in his 1936 novel *Angústia* to fictionalize its characters, who will appear later in his 1945 autobiography *Infância*. This paper focuses on the different uses in Ramos's novel of hybridization between autobiographical and fictional aspects present in that work. This paper's theoretical basis includes writings by Philippe Gasparini (2004), Antonio Candido (1992), Silviano Santiago (2003) and Wander Melo Miranda (1992). After studying the novel *Angústia* and the autobiography *Infância*, our research has found similarities that make possible a comparison between these two pieces of literature. There are many coincidences between Luís da Silva's childhood, in *Angústia*, and the boy in *Infância*.

<sup>1</sup> Graduada em Letras – Inglês/Literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro /UERJ.

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (2000); professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ.

Moreover, several characters from the novel also appear in Ramos's autobiography portrayed with the same names, profiles and contexts that define them. The autobiography *Infância* shows characters and situations experienced by the novel's protagonist in his childhood. Besides, in Ramos's autobiography, there are many similarities to his novel *Angústia* especially with regard to how characters and situations are portrayed. Finally, this paper concludes that *Angústia* is not an autobiographical novel. Even though there is also evidence to suggest that there are common elements both to the novel's protagonist, *Luís da Silva*, and the author, this paper argues that there is more fictionality in *Angústia*. Thus, it is a fictional work that is shot through with autobiographical features, a common tendency among our modernist writers.

**Keywords:** Graciliano Ramos. *Angústia*. *Infância*.

## 1 Introdução

Graciliano Ramos é um dos grandes autores da literatura brasileira que fizeram uso da hibridização entre o autobiográfico e o ficcional em suas obras. Essa hibridização se mostra com clareza no romance *Angústia*, e, por tal motivo, o elegemos como tema deste artigo. Publicado em 1936, *Angústia* é narrado em primeira pessoa e dividido em 40 segmentos, sem título e sem numeração. Para investigarmos a hibridização autobiográfico/ficcional que se efetiva em *Angústia*, nosso principal paratexto foi a autobiografia de Graciliano Ramos, intitulada *Infância* (1945). Como suporte teórico, baseamo-nos nos estudos de Philippe Gasparini (2004), Antonio Candido (1992), Silviano Santiago (2003) e Wander Melo Miranda (1992).

Philippe Gasparini salienta que o romance autobiográfico é caracterizado pela ambiguidade, pois “possibilita uma dupla recepção, ao mesmo tempo ficcional e autobiográfica” (GASPARINI, 2004, p. 14), visto que o protagonista do romance ora é identificável ao autor, ora se afasta dele. De acordo com Gasparini, o autor pode sugerir essa identificação entre o personagem e ele mesmo por meio de operadores de identificação, como a “semelhança onomástica, a idade, o meio sócio-cultural, a profissão, as aspirações, entre outros” (Idem, p. 14). Essa ambivalência em torno da identidade do protagonista permite uma leitura autobiográfica em alguns momentos, e romanesca, em outros.

Sendo assim, é importante ressaltar que, em nossa perspectiva, *Angústia* não é um romance autobiográfico. Apesar da presença de certo número de operadores de identificação entre a vida do protagonista Luís da Silva e a do autor, há mais índices de ficcionalidade na obra, os quais nos possibilitam estudá-la como uma obra de ficção que possui alguns traços autobiográficos. Contudo, observamos que o romance apresenta maior hibridização nos segmentos iniciais, que tratam da infância do personagem protagonista.

Ao estudarmos o romance *Angústia* e a autobiografia *Infância*, juntamente com referenciais crítico-teóricos, percebemos semelhanças que permitem um cotejo entre as obras. Há vários pontos em comum entre a infância do protagonista Luís da Silva, de *Angústia*, e a do menino de *Infância*. Além disso, notamos que muitos dos personagens do romance aparecerão mais tarde na autobiografia do autor, conservando os seus nomes, o perfil delineado em *Angústia* e o contexto que os define. Além de compartilhar personagens e situações experimentadas na meninice pelo protagonista de *Angústia*, a autobiografia *Infância* reproduz, para caracterizar tais personagens e situações, trechos semelhantes aos de *Angústia*, à maneira do que ocorre na obra memorialística *Meus verdes anos* (1956), de José Lins do Rego – em cotejo com o romance *Menino de engenho* (1932); e com a autobiografia *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe* (1954), de Oswald de Andrade – em cotejo com o romance *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924).

Recorrendo a Antonio Candido, em sua obra *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*, confirmamos que a “meninice” de Luís da Silva “é, pouco mais ou menos, a narrada em *Infância*”, “reduzida a elementos da etapa anterior aos dez anos, quando morou na fazenda, à sombra do avô materno (aqui, paterno), e na vila de Buíque” (CANDIDO, 1992, p. 41). O mesmo estudioso ressalta que “Muitas das pessoas aparecidas na primeira parte de *Infância* já eram nossos conhecidos de *Angústia*” (Idem, p. 50).

Deste modo, ao fazer uma espécie de estudo comparativo entre as duas obras de Graciliano Ramos aqui mencionadas, pretendemos não só apontar os personagens que aparecem em ambas, mas também a maneira como surgem e são caracterizados bem como seu papel na trama; também buscamos caracterizar e cotejar os ambientes, temas e situações trabalhados por Graciliano Ramos tanto na infância de Luís da Silva como na do menino em *Infância*. Portanto, nosso estudo investiga a forma como o autor reelabora e ficcionaliza suas memórias – na hipótese de que *Infância* seja, de fato, a sua autobiografia – na parte relativa à infância do personagem Luís, em *Angústia*. O procedimento inverso também pode ser aventado: teria Graciliano Ramos, ao reelaborar sua infância, na obra publicada em 1945, atribuído ao menino a que ali dá vida as experiências “inventadas” para o desenho da infância de Luís da Silva?

## **2 O relato da infância no romance *Angústia***

Em um primeiro momento, é importante entender como a infância de Luís da Silva surge na narrativa, pois o protagonista não decide simplesmente iniciar o relato com passagens de sua infância, mas elas são entrelaçadas à narrativa. Silviano Santiago, em posfácio ao romance *Angústia*, explica que essa obra “se organiza por um duplo processo de rememoração” (SANTIAGO, 2003, p. 287). O primeiro processo está presente no “desenrolar da ação dominante” e abrange “ano e meio da vida rotineira e transtornada de Luís em Maceió” (Idem, p. 287). O segundo processo é “produto da memória do personagem”; sendo assim, “Sob a forma de fragmentos, Luís passa em revista e a limpo os trinta e poucos anos de vida que antecedem o momento do encontro decisivo com Marina. Personagens e fatos levantados pela memória do narrador/personagem aparecem soltos e pululantes no corpo do romance” (Idem, p. 288). É nesses fragmentos tecidos no relato que conhecemos um pouco da infância do narrador.

Antonio Candido, por sua vez, destaca o tempo tríplice do romance, "pois cada fato apresenta pelo menos três faces: a sua realidade objetiva, sua referência à experiência passada, a sua deformação por uma crispada visão subjetiva" (CANDIDO, 1992, p. 80). Assim, no segundo segmento do romance (2003, p. 7-11), depois de referir-se à sua “realidade objetiva”, Luís da Silva relembra o seu passado – vivido há quinze anos– na capital Maceió, e a sua infância no interior do estado de Alagoas. Ou seja, ao fim do expediente de trabalho na repartição (“realidade objetiva”), o narrador toma um bonde, e, no caminho, ao observar a cidade, começa a recordar-se de quando vivia na pensão de d. Aurora, da antiga rotina e do colega Dagoberto (passado menos remoto que o da infância). Seu pensamento transita entre o tempo presente e o passado próximo, marcados, por exemplo, pelos fragmentos: “À medida que o carro se afasta do centro sinto que me vou desanuviando. Tenho a sensação de que viajo para muito longe e não voltarei nunca” (*Angústia*, seg. 2, 2003, p. 8)<sup>3</sup>; “Há quinze anos era diferente” (*A*, seg. 2, 2003, p. 8); “O bonde chega ao fim da linha, volta” (*A*, seg. 2, 2003, p. 8); “Retorno à cidade” (*A*, seg. 2, 2003, p. 8); “A pensão, o meu quarto abafado, o focinho de d. Aurora e a cesta de ossos de Dagoberto somem-se” (*A*, seg. 2, 2003, p. 9). Como sistematizado por Candido, tais recortes ilustram como Luís da Silva circula entre a realidade objetiva e as referências às experiências passadas.

Da mesma maneira, as recordações do protagonista relativas à sua infância tomam forma ou se desvanecem nessa transição temporal percebida em seus pensamentos, como nas

---

<sup>3</sup> A partir daqui, as citações do romance *Angústia* serão indicadas pela sigla *A*, seguida do segmento específico, do ano de publicação da edição utilizada neste trabalho e do número da página. A palavra segmento será indicada pela abreviação “seg.”

seguintes passagens do segundo segmento: “Afasto-me outra vez da realidade,..., a recordação da cidade grande desapareceu completamente. O bonde roda para o oeste, dirige-se ao interior. Tenho a impressão de que ele me vai levar ao meu município sertanejo” (A, seg. 2, 2003, p. 9); “Volto a ser criança,...” (A, seg. 2, 2003, p. 9); “Quando o carro para, essas sombras antigas desaparecem de supetão” (A, seg. 2, 2003, p. 10). Portanto, os referidos fragmentos exemplificam como o pensamento do protagonista de *Angústia*, na viagem de bonde por Maceió, se desloca entre a realidade que o cerca na capital e sua infância no interior de Alagoas. Da mesma forma, também no segmento 3, Luís retorna às memórias do passado remoto, e com elas surgem personagens muito presentes em sua infância: “Penso em mestre Domingos, no velho Trajano, em meu pai. Não sei por que mexi com eles, tão remotos, ...” (A, seg. 3, 2003, p. 12); “Os defuntos antigos me importunam” (A, seg. 3, 2003, p. 12); “Ponho-me a vagabundear em pensamento pela vila distante” (A, seg. 3, 2003, p. 14).

Ainda ilustrando a afirmação de Antonio Candido (1992) transcrita anteriormente, vale ressaltar que, após trazer à superfície do relato as recordações da infância, o narrador retorna ao presente, deformando-o por meio de uma “crispada visão subjetiva”:

Se Marina tivesse a ideia de se banhar ali àquela hora da tarde, eu não lhe veria o corpo. Talvez visse apenas uma sombra, como acontece no cinema quando se apresentam as mulheres nuas. Este pensamento esquisito – Marina despida, arrepiada, coberta de carocinhos – bole comigo durante alguns minutos. (A, seg. 3, 2003, p. 12).

Os cinco primeiros segmentos da narrativa (A, 2003, p. 5-19) são bem significativos no tocante à infância do protagonista. Porém, ao longo do romance, a meninice de Luís é revisitada. Por meio de suas memórias, nos segmentos iniciais do romance, Luís volta ao “município sertanejo”, e temos a oportunidade de conhecer notáveis personagens de sua infância e acontecimentos que marcaram o narrador. Assim, aprendemos brevemente sobre personagens, como seu avô paterno, “Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva”; seu pai, “Camilo Pereira da Silva”; o padre Inácio; Amaro vaqueiro; a cachorra Moqueca; Quitéria, a cozinheira; sua avó sinha Germana; Mestre Domingos, ex-escravo de seu avô; Teotoninho Sabiá; o professor Antônio Justino; o velho Acrísio; seu Evaristo; as “três mulheres velhas” da casa com roseiras; o seu vizinho Joaquim Sabiá; Rosenda Lavadeira; o cabo José da Luz; o barbeiro André Laerte; o negociante Filipe Benigno; Seu Batista; D. Conceição, “mulher de Teotoninho Sabiá”; Carcará; o doutor juiz de direito; d. Maria e Teresa, filhas de D. Conceição; José Baía; Sinha Terta, entre outros.

Quanto às principais situações vivenciadas por Luís da Silva enquanto criança, e descritas nos primeiros segmentos, temos, entre outras: a velhice e morte do avô paterno; a

mudança da fazenda para a vila; as brincadeiras no pátio da fazenda, quando chovia; o sofrimento do menino ao aprender a nadar com seu pai no poço da Pedra; a escola; o episódio da morte de seu pai e lembranças relacionadas à figura paterna; e o momento em que o protagonista deixa a vila. Outro episódio recorrente no romance é aquele em que uma cobra se enrola no pescoço de seu avô paterno, o velho Trajano, ainda na fazenda, fato importante para as ações futuras de Luís.

Outro ponto que merece nossa atenção é a forma como o menino Luís da Silva é delineado pelo narrador já adulto, ou seja, a forma como se efetiva a sua reconstituição enquanto criança. O menino quase sempre está sozinho, isolado, e carrega uma espécie de sentimento de inferioridade em relação aos outros. Silviano Santiago nos esclarece que “a caracterização do personagem Luís da Silva se dá pela figura dominante da incompatibilidade” (SANTIAGO, 2003, p. 295); portanto, “a solidão é o estado natural do narrador/personagem, isso porque a aproximação do outro corrompe” (Idem, p. 296). Antonio Candido também aponta “o isolamento imposto pelo pai, a solidão na qual se desenvolveram os sonhos e os germes da inadaptabilidade” (CANDIDO, 1992, p. 36). Tais sentimentos de incompatibilidade, solidão e inadaptabilidade resultantes da atitude do pai do narrador podem ser observados nas seguintes passagens: “Eu ia jogar pião, sozinho, ou empinar papagaio. Sempre brinquei só” (A, seg. 2, 2003, p. 11); “Mas meu pai estava na esquina, conversando com Teotoninho Sabiá, e não consentia que me aproximasse das crianças, certamente receando que me corrompesse. Sempre brinquei só. Por isso cresci assim besta e mofino” (A, seg. 25, 2003, p. 112); “Um menino grande e besta, muito diferente dos que brincavam junto à barca de terra e varas. Na escola de mestre Antônio Justino sentava-me afastado dos outros, naturalmente para não me corromper” (A, seg. 25, 2003, p. 113).

Com base em nossos estudos, observamos que Luís da Silva, ao se transferir do campo para a capital, “perdeu o alicerce patriarcal e, na capital, constrói — mais pelos cinco sentidos do que pela razão — réplicas empobrecidas da nobre pirâmide familiar rural” (SANTIAGO, 2003, p. 289). Desse modo, Silviano Santiago conclui que entender *Angústia* “é compreender o papel desempenhado por (principalmente) vizinhos, profissionais boêmios e colegas de repartição no mundo urbano do filho de fazendeiro, desenraizado na grande cidade”. Contudo, as “raízes sentimentais de Luís” estão plantadas no campo do Brasil “da República Velha (1889-1930)” (Idem, p. 289).

Conhecemos as raízes do protagonista, sua memória rural, por meio das micronarrativas autobiográficas que se encaixam na grande narrativa. Silviano Santiago nos revela que “a lembrança dos acontecimentos recentes na capital é alicerçada e, ao mesmo

tempo, quebrada e explicada pela lembrança de acontecimentos e de figuras humanas do antigo mundo sertanejo, dominado pelos coronéis” (Idem, p. 290).

Portanto, consideramos a validade de apresentar alguns personagens e cenas mais frequentes da memória rural de Luís da Silva, que são retomados ao longo do romance, pois servem como alicerce para os acontecimentos de seu passado recente e para suas reflexões no momento da escrita. Entre aqueles personagens, podemos ressaltar a constante presença de Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, avô paterno de Luís; da avó sinha Germana; de padre Inácio; de José Baía; e de Seu Evaristo.

O avô Trajano é primeiramente retratado no início da narrativa, quando o protagonista retorna em pensamento à fazenda em que crescera. Nesse segmento, o segundo, Trajano é quase sempre referido por seu extenso nome próprio: “Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva”. O narrador também faz menção à decadência da fazenda, e, em consequência, à decadência de seu avô; aos pileques de Trajano; assim como à fase em que este “entrou a caducar”, chamando pela esposa já falecida (sinha Germana), e às circunstâncias de seu enterro (A, seg. 2, 2003, p. 10-11). No segmento 6, o narrador conta com satisfação o episódio em que o avô armou uma rebelião para soltar um prisioneiro da cadeia (A, seg. 6, 2003, p. 25). Trajano também é referido em muitas passagens em que sinha Germana está presente, quando o narrador comenta sobre casamento ou filhos; além das ocasiões em que Luís menciona os serviços prestados ao avô por José Baía.

Em *Angústia*, uma das imagens mais recorrentes relacionadas ao velho Trajano é a do momento em que uma cobra se enrola em seu pescoço. Este é o trecho em que a cena é descrita pela primeira vez, no segmento 17:

Lembrei-me da fazenda de meu avô. As cobras se arrastavam no pátio. Eu juntava punhados de seixos miúdos que atirava nelas até matá-las. Às vezes a brincadeira se prolongava, mas afinal as cobras morriam, e perto dos cadáveres ficavam montes de pedras. Certo dia uma cascavel se tinha enrolado no pescoço do velho Trajano, que dormia no banco do copiar. Eu olhava de longe aquele enfeite esquisito. A cascavel chocalhava, Trajano dançava no chão de terra batida e gritava: — “Tira, tira, tira.” (A, seg. 17, 2003, p. 73).

Candido (1992, p. 37) confirma:

Dentre as imagens da infância, esta é a que lhe vem à memória em momentos de angústia com maior frequência e sem motivo aparente. Às vezes retoca-a, acrescentando um detalhe; outras, apenas menciona. Surge pela primeira vez quando Luís se sente traído, espezinhado no orgulho de homem por Julião Tavares. Naturalmente, a cobra seria a solução para matar o rival.

Assim, após assistir ao flerte entre Marina e Julião, o narrador relembra o episódio entre seu avô e as cobras. A partir desse ponto, percebemos que Luís passa a associar gradativamente a memória da cobra enforcando seu avô à ideia de enforcar Julião Tavares. Wander Melo Miranda também ressalta “a rememoração de um evento mais próximo desdobrando-se na de um mais distante e vice-versa” quando comenta que “A evocação do crime cometido contra Julião Tavares não se reduz ao período imediatamente anterior à sua realização, mas amplia-se pelo enfoque de um segmento pretérito bem mais remoto, o da infância do personagem-narrador” (MIRANDA, 1992, p. 51).

A mesma imagem é retomada, por exemplo, nos seguintes segmentos: “Pensei em seu Evaristo e na cobra enrolada no pescoço do velho Trajano” (A, seg. 17, 2003, p. 74).

Isto me cortava o coração e aumentava o meu ódio a Julião Tavares. [...] Eu resmungava pragas obscenas e andava de uma parede a outra, sentia desejo imenso de fugir, pensava na fazenda, em Camilo Pereira da Silva, em Amaro vaqueiro e nas cobras, especialmente numa que se enrolava no pescoço do velho Trajano. (A, seg. 30, 2003, p. 131).

As cascavéis torciam-se por ali. Uma delas enroscou-se no pescoço de Trajano, que dormia no banco do alpendre. [...] Afinal a cobra se soltou, Camilo Pereira da Silva matou-a com o macete de capar boi e Quitéria levou-a pendurada num pau, a cabeça encostada ao rabo, balançando como uma corda, e foi jogá-la para lá dos juazeiros. (A, seg. 31, 2003, p. 138).

Tais passagens ilustram como o episódio envolvendo o avô Trajano e as cobras é recorrente nos pensamentos do protagonista de *Angústia*, desdobrando-se na imagem da corda com a qual Luís da Silva enforca o seu rival e sugerindo que o passado mais remoto da infância se embaralha com o passado recente e com o crime cometido pelo protagonista.

O personagem José Baía também é citado com frequência no romance, sempre caracterizado como bom e sorridente. Percebemos que está presente principalmente nos últimos segmentos da narrativa, quando Luís da Silva já está muito próximo de enforcar Julião Tavares. Observamos a possibilidade de que José Baía seja uma espécie de modelo para o crime que Luís comete. Nesses segmentos, José Baía é responsável por matar quem Trajano ordena; contudo, Luís diz que o amigo estava apenas prestando um serviço. Tais características são ilustradas nos seguintes trechos: “José Baía falava baixo e ria sempre” (A, seg. 6, 2003, p. 26); “No copiar da fazenda José Baía explicava-me as virtudes da oração da cabra preta” (A, seg. 18, 2003, p. 82); “Se o velho quisesse extinguir um proprietário vizinho, chamaria José Baía, o camarada risonho que me vinha contar histórias de onças no copiar, ajustaria a empreitada por meias-palavras, dar-lhe-ia uma cédula” (A, seg. 31, 2003, p. 137); e ainda:

José Baía vinha contar-me histórias no copiar, cantava mostrando os dentes tortos muito brancos. Era bom e ria sempre. Dava-me explicações a respeito de visagens, mencionava as orações mais fortes. [...] Ninguém falava alto a José Baía, ninguém lhe mostrava cara feia. [...] Estava ali forçado pela necessidade. No dia seguinte faria com a faca de ponta novo risco na coronha do clavinote e contaria no alpendre histórias de onças. [...] Nenhum remorso. Fora a necessidade. Nenhum pensamento. O patrão, que dera a ordem, devia ter lá as suas razões. (*A*, seg. 38, 2003, p. 183-184).

Sendo assim, as passagens anteriores explicitam duas características do personagem José Baía: sua relação de amizade com o menino Luís da Silva e sua obediência às ordens do patrão (o que poderia incluir tirar a vida de outras pessoas).

Da mesma forma como a ideia de enforcar Julião Tavares é reforçada no pensamento de Luís pelo episódio em que seu avô é enforcado por uma cascavel, também observamos o exemplo de José Baía, que, para Luís da Silva, continuava sendo uma boa pessoa, apesar de cometer assassinatos; e ainda podemos ressaltar o personagem Seu Evaristo como influência para o crime cometido pelo narrador contra Julião Tavares.

Segundo Luís da Silva, seu Evaristo já tinha vivido em boas condições, mas envelhecera e passava necessidades com a esposa. Recebeu caridade, pediu esmolas, e acabou enforcando-se. O personagem aparece em várias passagens e sua história é contada com mais detalhes no segmento 32 (*A*, 2003, p. 145-147) de *Angústia*. Tais personagens, de certa maneira, ajudam Luís a justificar seu crime, pois são exemplos de poder e coragem no mundo dos coronéis.

Observemos alguns trechos em que seu Evaristo está presente: “Vejo a sinistra figura de seu Evaristo enforcado e os homens que iam para a cadeia amarrados de cordas” (*A*, seg. 3, 2003, p. 14); “Pensei em seu Evaristo e na cobra enrolada no pescoço do velho Trajano” (*A*, seg. 17, 2003, p. 74); “Seu Evaristo balançava, pendurado num galho de carrapateira” (*A*, seg. 18, 2003, p. 82).

Horas depois encontraram seu Evaristo enforcado num galho de carrapateira. Fui vê-lo, mas não tive coragem de me aproximar: fiquei de longe, olhando o corpo que balançava, os pés tocando o chão, como se estivessem preparando um salto. [...] A corda que o sustinha, apenas visível de longe, fininha como aquela que ali estava em cima da mesa. (*A*, seg. 32, 2003, p. 147).

Logo, verificamos que as memórias do protagonista relacionadas ao personagem seu Evaristo estão entrelaçadas ao episódio do enforcamento, o qual, por sua vez, se associa à imagem da corda e à da cascavel, ambas embaralhadas entre si e com o crime cometido por Luís da Silva, conforme explicitamos anteriormente.

Outros dois personagens frequentemente citados por Luís da Silva são o padre Inácio e a avó de Luís, sinha Germana. O padre é visto como uma figura opressora, envolvido com a política, e que também costuma insultar os fiéis. Estava presente quando o pai de Luís morrera, mas parece não ter dado assistência ao menino. É citado com mais frequência no início do romance. Como exemplo, observamos os trechos: “sonhando com a vitória do partido que padre Inácio chefiava” (*A*, seg. 2, 2003, p. 9); “Ponho-me a vagabundear em pensamento pela vila distante, entro na igreja, escuto os sermões e os desaforos que padre Inácio pregava aos matutos: — ‘Arreda, povo, raça de cachorro com porco.’ ” (*A*, seg. 3, 2003, p. 14); “Muitas pessoas se tinham tornado donas da casa: Rosenda lavadeira, padre Inácio, cabo José da Luz, o velho Acrísio” (*A*, seg. 4, 2003, p. 15); “Era impossível saber onde se fixava o olho de padre Inácio, duro, de vidro, imóvel na órbita escura (*A*, seg. 4, 2003, p. 16); “Quando a política de padre Inácio caiu, o delegado prendeu um cangaceiro de Cabo Preto” (*A*, seg. 6, 2003, p. 25); “Padre Inácio sacudia o guarda-chuva e gritava: — ‘Canalha! Raça de cachorro com porco!’” (*A*, seg. 32, 2003, p. 143). Assim sendo, os fragmentos mencionados reforçam a caracterização de Padre Inácio em *Angústia* como um personagem dominador e que costumava ofender os fiéis.

O narrador descreve um pouco da vida de sinha Germana em várias passagens da obra. Luís costuma trazer à tona essas lembranças ao pensar no comportamento de Marina, ou em como a vida e os hábitos da cidade são diferentes dos de sua infância no campo. Principalmente quanto ao papel das mulheres, à questão do casamento e dos filhos.

Os trechos a seguir são significativos para ilustrar esse ponto: “Minha avó, sinha Germana, passava os dias falando só, xingando as escravas, que não existiam” (*A*, seg. 2, 2003, p. 10).

As mulheres não são de ninguém, não têm dono. Sinha Germana fora de Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, só dele, mas há que tempo! [...] E sinha Germana, doente ou com saúde, quisesse ou não quisesse, lá estava pronta, livre de desejos, tranquila, para o rápido amor dos brutos. Malícia nenhuma. Como a cidade me afastara de meus avós! (*A*, seg. 22, 2003, p. 97-98).

Sinha Germana só tinha aberto os olhos diante do velho Trajano. Sem dúvida. Mas eu queria ver sinha Germana agora, no cinema, ou correndo as ruas, com uma pasta debaixo do braço, e mais tarde no escritório, batendo no teclado da máquina, ouvindo as cantigas dos marmanjos. Hábitos diferentes, necessidades novas. (*A*, seg. 22, 2003, p. 99-100).

Descendo de sinha Germana, que dormiu meio século numa cama dura e nunca teve desejos. Adquiro novas ideias, mas estas ideias brigam com sentimentos que não me

deixam [...] Os costumes de sinha Germana eram superiores aos de Quitéria. Por quê? Não havia porquê, e isto me enraivecia. (*A*, seg. 37, 2003, p. 177-178).

As passagens acima transcritas enfatizam a percepção do protagonista Luís da Silva sobre a considerável diferença de costumes entre as mulheres presentes nas memórias de sua infância e as de seu passado próximo quanto à questão do casamento e do papel da mulher na sociedade. Emblemas do passado rural de Luís da Silva, personagens como Sinha Germana, seu Evaristo, José Baía e o avô Trajano, entre outros, alicerçam em grande medida o assassinato praticado pelo protagonista, constituindo uma espécie de modelo de comportamento para o adulto cuja infância fora marcada pelos sentimentos de inferioridade, de inadaptação e de solidão. Desde modo, no romance *Angústia*, a infância de Luís da Silva – tanto no nível mais pessoal (isolamento) quanto numa dimensão mais coletiva (violência) – “explica” os seus conflitos e o seu drama íntimo no passado recente, assim como justifica (em sua perspectiva individual) a solução encontrada para dar fim à angústia do ciúme, da humilhação e do ódio: o assassinato de Julião Tavares.

### **3 *Angústia e Infância: um cotejo***

Após fundamentarmos nosso estudo do romance *Angústia* – ao demonstrarmos como a infância de Luís da Silva surge no relato, os personagens e principais cenas descritas, o modo como o narrador se caracteriza ao relembrar os tempos de criança, a mudança do campo para a capital, os personagens mais recorrentes nas memórias de sua infância –, passamos a traçar algumas considerações sobre o livro *Infância* e a estabelecer o cotejo entre o romance *Angústia* e a autobiografia de Graciliano Ramos, *Infância*.

A obra *Infância* trata das experiências de um menino — que podemos facilmente identificar com o próprio Graciliano Ramos —, começando por sua primeira lembrança, as recordações do local em que vivera, percepções iniciais sobre como era constituída sua família e quem detinha a autoridade entre eles, os primeiros castigos, a transferência para a vila de Buíque e a tentativa de adaptação à nova vida, as primeiras experiências com a leitura e a escola até a transição para a adolescência. Constatamos que, em *Infância*, há vários personagens que já haviam figurado no romance *Angústia*, além de cenas muito semelhantes, quase idênticas, assim como experiências e comportamentos próximos. Há, ainda, trechos – construções discursivas – muito semelhantes também. Composto por 39 capítulos, não numerados, mas que recebem títulos, o livro *Infância* pode ser lido como uma autobiografia de Graciliano Ramos, limitada à etapa da meninice – embora alguns estudiosos destaquem o

forte teor ficcional da obra, considerado mais intenso do que aquele que, invariavelmente, se mostra no gênero autobiográfico.

Em entrevista a Homero Senna, entre outras questões, Graciliano Ramos comenta sobre sua infância e obra. Quando questionado pelo jornalista acerca de seus primeiros anos de vida, Graciliano afirma que sua meninice está relatada na obra *Infância*, seu livro de memórias, como podemos observar no trecho abaixo transcrito:

Principio por pedir a Graciliano Ramos que me diga alguma coisa sobre os começos de sua vida, no interior de Alagoas [...].

— Mas isso tudo está contado em *Infância*... Valeria a pena repetir?

E como eu dissesse que sim, resumiu:

— De minha cidade natal não guardo a menor lembrança, pois saí de lá com um ano. Criei-me em Buíque, zona de indústria pastoril, no interior de Pernambuco, para onde, a conselho de minha vó, meu pai se transferiu com a família. Em Buíque morei alguns anos e muitos fatos desse tempo estão contados no meu livro de memórias. (SENNA, 1978, p. 46).

Ainda assim, muitos críticos, como afirmamos, sugerem que *Infância* seja uma obra de ficção. Ao escolhermos tomar *Infância* como a autobiografia do escritor alagoano, não ignoramos que, sendo uma obra tão ricamente tecida — principalmente quanto à caracterização e desenvolvimento de seus personagens —, o livro pode, de fato, ser lido como um romance, tal a sua força literária. Candido (1992, p. 49) ressalta essa questão:

Talvez seja errado dizer que *Vidas Secas* é o último livro de ficção de Graciliano Ramos. *Infância* pode ser lido como tal, pois a sua fatura convém tanto à exposição da verdade quanto da vida imaginária; nele as pessoas parecem personagens e o escritor se aproxima delas por meio da interpretação literária, situando-as como criações.

Quanto aos personagens que inicialmente aparecem em *Angústia* nas recordações da infância de Luís, e, mais tarde, são descritos em *Infância*, temos: Amaro vaqueiro, José Baía, padre Inácio, Antônio Justino, José da Luz, Rosenda lavadeira, Teotoninho Sabiá, Joaquim Sabiá, D. Conceição, o doutor juiz de direito, Seu Batista, André Laerte, Carcará, Seu Acrísio. Alguns desses personagens são apenas citados ou descritos de maneira mais breve em *Angústia*; no entanto, mantêm suas características e são mais desenvolvidos em *Infância*. Outros, na autobiografia de Graciliano Ramos, até mesmo recebem um capítulo especialmente destinado a descrevê-los.

Sendo assim, podemos sugerir que, em *Angústia*, os personagens da infância estão inseridos na trama psicológica de Luís da Silva e servem, juntamente com os episódios descritos pelo narrador, como alicerces para suas decisões e ações futuras. Por exemplo, as

recordações sobre a cobra enrolada no pescoço do avô, os crimes cometidos por José Baía e o episódio em que Seu Evaristo se enforca são influências ou “modelos” que, de certa forma, ajudam Luís da Silva a justificar a ideia e consequente execução do plano de enforcar Julião Tavares.

Já em *Infância*, alguns personagens recebem um capítulo exclusivo, em que seu perfil é delineado mais detalhadamente. Assim, percebemos que o narrador adulto de *Infância* reelabora e avalia o papel e a contribuição que tais personagens tiveram na formação humana do então menino e agora homem e escritor. Rocha, ao comparar *Infância*, de Graciliano Ramos, e *A idade do serrote*, de Murilo Mendes, explica e desenvolve bem esse ponto:

Enquanto memorialistas, Graciliano e Murilo se assemelham: em lugar do encadeamento das lembranças, ambos escolhem a descontinuidade e a fragmentação, as quais encobrem a linearidade dos episódios e experiências, sem suprimi-la por completo. **Muitos deles autônomos – sem prejuízo da coesão interna da narrativa –, os capítulos de *Infância* e de *A idade do serrote* privilegiam vivências, cenas e sensações significativas para a formação do escritor e para a constituição de sua postura ética e estética.** (ROCHA, 2012, p. 621, grifo nosso)

**Vale lembrar que muitos dos capítulos de *Infância* desenhavam personagens que, de algum modo, contribuíram para a socialização e a formação do menino, evidenciando que a construção do eu se faz por meio do intercâmbio com o outro.** Esses blocos narrativos aparentemente autônomos e que terminam por um corte conclusivo, enfatizando a “lição” proporcionada pelo personagem ali desenhado – “Padre José Inácio”, “O moleque José”, “José da Luz”, “José Leonardo”, entre outros –, reforçam o aspecto coletivo da memória individual, distanciando o autobiógrafo da postura narcísica que o relato poderia adquirir. (Idem, p. 624, grifo nosso).

Desse modo, em *Infância*, o narrador desenha o perfil de personagens que desempenharam um relevante – e, em geral, positivo e modelar – papel no processo de sua formação como cidadão e como escritor. Escolhemos nos concentrar, por ora, em alguns personagens que aparecem em ambas as obras e são mais desenvolvidos pelo narrador em *Infância*. São eles, por exemplo, José Baía, padre Inácio, Antônio Justino e José da Luz.

Em *Angústia*, José Baía é descrito como um homem sorridente, mas a função de capanga do avô do narrador é ressaltada, sendo José Baía responsável por assassinar quem o fazendeiro ordena. Em *Infância*, o personagem é, acima de tudo, amigo do menino, com ele compartilhando brincadeiras, histórias e aventuras, o que enfatiza a importância de José Baía para a formação afetiva e a socialização do menino de *Infância*. É o que podemos perceber nas lembranças abaixo: “Mais vivo que todos, avulta um rapagão apumado e forte, de olhos

claros, risonho. [...] Chamava-se José Baía e tornou-se meu amigo, com barulho, exclamações, onomatopeias e gargalhadas sonoras” (*Infância*, “Nuvens”, 1995, p. 9)<sup>4</sup>.

Em geral eu usava camisa, saltava e corria como um bichinho, trepava nas pernas de José Baía, que nascera de sete meses e fora criado sem mamar. José Baía era ótimo... Se José Baía estivesse ali, explicar-me-ia o papa-lagartas. [...] Bom que José Baía estivesse comigo, papagueando na sua língua fácil e capenga, livrando-me de sustos. (*I*, “Chegada à vila”, 1995, p. 41-42).

Nota-se em tais recortes o papel essencial de José Baía na formação do protagonista de *Infância*, papel este atribuído pelo narrador no presente da escrita: em meio às figuras hostis que cercavam a criança, o rapaz era um amigo que auxiliava e incentivava o menino em suas primeiras descobertas do mundo. Modelo, em *Angústia*, de um comportamento pautado pela violência obediente e acrítica, José Baía, em *Infância*, é exemplo da alegria e do amparo tão ausentes na vida do menino.

Já o Padre João Inácio, descrito em *Angústia* apenas por sua participação política e por seus insultos aos fiéis, recebe um capítulo inteiramente dedicado a ele em *Infância*. Sabemos que tratava dos doentes de varíola, não se dedicava ao culto religioso, vacinava a todos, mas não tinha o reconhecimento das crianças. Observemos algumas características do sacerdote — além das descrições de seus insultos e do olho postiço, quase idênticas às de *Angústia* — nos trechos a seguir extraídos de *Infância*:

Padre João Inácio tinha muito de Frei Clemente: não chegava a açoitar os paroquianos, mas, se se aperreava, **distribuía insultos aos pequenos, raça de cachorro com porco**. Este desacato era proferido com energia e gritos, fora do púlpito, pois não consta que Padre João Inácio haja pregado. (*I*, “A vila”, 1995, p. 46, grifo nosso).

Tínhamos, porém, razão para temer aquele homem tenebroso por fora e por dentro. Não ria. **O olho postiço, imóvel num círculo negro, dava-lhe aspecto sinistro**. Além disso Padre João Inácio habituara-se a cuidar de variolosos [...] Insultava a canalha, **raça de cachorro com porco**. Mandava porque tinha poderes: era Albuquerque e sacerdote [...] não sabia falar conosco, sorrir, brincar — e as nossas almas se fecharam para ele. Em Padre João Inácio, homem de ações admiráveis, só percebíamos dureza. (*I*, “Padre João Inácio”, 1995, p. 58-62, grifo nosso).

Atentemos agora para alguns trechos semelhantes que caracterizam padre Inácio em *Angústia*: “Ponho-me a vagabundear em pensamento pela vila distante, entro na igreja, escuto os sermões e os desaforos que padre Inácio pregava aos matutos: — ‘**Arreda, povo, raça de cachorro com porco**’” (*A*, seg. 3, 2003, p. 14, grifo nosso); “**Era impossível saber onde se**

<sup>4</sup> A partir daqui, as citações da obra *Infância* serão indicadas pela sigla *I*, seguida do título do capítulo, entre aspas, do ano de publicação da edição utilizada neste trabalho e do número da página.

**fixava o olho de padre Inácio, duro, de vidro, imóvel na órbita escura”** (*A*, seg. 4, 2003, p. 16, grifo nosso).

Vale ressaltar que, no livro *Infância*, o narrador, no capítulo “Padre João Inácio”, compõe um perfil do pároco, atribuindo-lhe uma dimensão exemplar na formação do menino – e, conseqüentemente – do narrador adulto. Assim, no presente da escrita, o narrador pode dizer, como no trecho anteriormente transcrito: “Em Padre Inácio, homem de ações admiráveis, só percebíamos dureza” (*I*, “Padre João Inácio”, 1995, p.62). Se seus traços positivos e dignos de admiração não são tão enfatizados como os de José Baía, a figura do Padre Inácio, em *Infância*, é reinterpretada pelo adulto como exemplo de uma religiosidade humanitária e sem artificios, qualidades bem distintas daquelas do rápido esboço, elaborado em *Angústia*, do pároco agressivo e insensível, ainda que os trechos das duas obras se assemelhem, ao descreverem o religioso.

Antônio Justino é outro personagem que está presente em ambas as obras. Em *Angústia*, ele é o primeiro professor de Luís da Silva; já em *Infância*, ele é o marido de D. Maria, uma professora muito querida pelo menino, a qual recebe um capítulo à parte. No seguinte trecho temos a caracterização de Antônio Justino em *Infância*: “Seu Antônio Justino, homem sem profissão, era quince, marido de professora, mas não completamente quince, apesar de viver desocupado” (*I*, “A vila”, 1995, p.46). Embora tenha um papel um pouco diferente em *Infância*, Antônio Justino é o responsável por ensinar o catecismo ao menino nas duas obras, contribuindo, assim, para a sua formação. Também é interessante notar que a descrição da espera pela hora da saída da escola é muito semelhante nas duas obras. Leiamos um trecho de *Angústia*:

Meteram-me na escola de seu Antônio Justino, para desasnar, pois, como disse Camilo quando me apresentou ao mestre, eu era um cavalo de dez anos e não conhecia a mão direita. **Aprendi a leitura, o catecismo**, a conjugação de verbos. O professor dormia durante as lições. **E a gente bocejava olhando as paredes, esperando que uma réstia chegasse ao risco de lápis que marcava duas horas. Saíamos em algazarra** (*A*, seg. 2, 2003, p.11, grifos nossos).

Agora, uma passagem de *Infância*:

**Sinha e seu Antônio Justino vinham ensinar-me o catecismo. [...] Uma réstia descia a parede, avançava no tijolo, subia outra parede, alcançava o traço que indicava duas horas. Os garotos soltavam os livros, fechavam com rumor as caixinhas, ganhavam a rua numa algazarra** (*I*, “D. Maria”, 1995, p.113, grifos nossos).

Dessa maneira, percebemos que Antônio Justino não possui a mesma profissão nas duas obras estudadas. Ainda assim, é o responsável pelo ensino religioso do menino em ambas. Do mesmo modo, como observamos anteriormente, as passagens que tratam do horário de saída do colégio apresentam pontos em comum: a descrição da incidência da luz nas paredes (“Uma réstia”, “duas horas”) e a alegria (“algazarra”) dos alunos ao deixarem a escola.

Cabo José da Luz é citado brevemente em várias passagens de *Angústia*. Contudo, em *Infância*, recebe um capítulo inteiramente para ele. Em *Angústia*, José da Luz auxilia o menino perdido na sua chegada à vila, situação diferente da que é representada em *Infância*. Na autobiografia de Graciliano Ramos, José da Luz se mostra muito mais próximo do menino, um amigo. O narrador só faz elogios ao soldado, pois, ao contrário dos outros adultos, ele deu atenção ao menino e diminuiu o isolamento em que este vivia. Nas duas obras, também observamos os mesmos trechos da cantiga de José da Luz.

Nos primeiro recorte temos a cantiga de José da Luz em *Angústia*: “Cabo José da Luz, à porta do quartel, espalha tristezas: /*Assentei praça. Na polícia eu vivo /Por ser amigo da distinta farda...*” (A, seg. 5, 2003, p.19). No segundo, retirado de *Infância*, não só temos o registro da cantiga, como também a caracterização de José da Luz enquanto pessoa amável, ímpar entre os policiais, e amigo do menino. Em *Infância*:

Não havia meio de apresentá-lo sério e firme, capaz de inspirar medo. [...] José da Luz diferia muito dos policiais comuns, desleixados, amarrotados, provocadores de barulho nas feiras e em pontas de ruas, entre caboclos e meretrizes [...] Amável, jeitoso [...] E cantava, fanhoso e mole: / *Assentei praça. Na polícia eu vivo /Por ser amigo da distinta farda /Agora é tarde. Me recorde e penso. /Trabalho imenso, não se lucra nada.* (I, “José da Luz”, 1995, p.87-88).

Em *Angústia*, cabo José da Luz é quem auxilia o menino perdido na chegada à vila, mas não há relato de que houvesse uma maior amizade entre eles, como podemos perceber no trecho abaixo: “Lembrava-me da minha chegada à vila. As ruas me causavam grande espanto: nunca havia imaginado que as ruas fossem tão compridas e tão largas. [...] Mais tarde cabo José da Luz me encontrou perdido e levou-me para casa” (A, seg. 25, 2003, p. 113). Ainda que sua ação seja referida brevemente, o policial ampara o menino perdido e o conduz até sua casa.

Em *Infância*, José da Luz não está presente na cena em que o menino chega à nova vila. Contudo, também é caracterizado positivamente, ganhando traços ainda mais “humanos” e exemplares. Seu papel parece ser fundamental no processo de constituição do menino, como

se verifica nos trechos: “No corpo da guarda o destacamento local bocejava, preguiçava nas tarimbas, e José da Luz, cafuzo pachola e risonho, cantava” (I, “A vila”, 1995, p. 46).

Deu-se então o caso extraordinário. O soldado pregou os cotovelos no balcão e pôs-se a conversar comigo, natural, como os viventes mesquinhos, Amaro, José Baía, os moradores da fazenda. [...] Vieram outras conversas — e tornamo-nos amigos. [...] Esse mestiço pachola teve influência grande e benéfica na minha vida. Desanuviou-me, atenuou aquela pusilanimidade, avizinhou-me da espécie humana. Ótimo professor. (I, “José da Luz”, 1995, p. 92-93).

O fragmento acima deixa evidente que o capítulo dedicado a José da Luz, em *Infância*, também destaca o relevante e benéfico papel desempenhado pelo soldado na formação e na socialização do menino – e do homem Graciliano Ramos.

Em *Infância*, há cenas muito semelhantes àquelas que compõem *Angústia*. Um exemplo é a festa ao redor de uma fogueira, momento em que o menino, curioso como toda criança, se pergunta o que é um “papa-lagartas”. Em *Angústia*, Luís da Silva identifica os personagens presentes na festa ao redor da fogueira; há vários vizinhos reunidos, e seu pai ri de Carcará, comentando que este parece um “papa-lagartas”. O menino Luís da Silva, no entanto, não pergunta ao pai o significado da palavra desconhecida. Na autobiografia *Infância*, o narrador identifica seu pai, e destaca, como em *Angústia*, que ele não responderia às interrogações do menino. Neste ponto, as duas obras se assemelham estreitamente, destacando-se que, na autobiografia, o pai “esfria a curiosidade do menino” – atitude comum à maioria dos adultos, em *Infância*.

Primeiro, vejamos a cena descrita em *Angústia*:

As meninas de Teotoninho Sabiá cantavam, à porta da nossa casa estalava uma grande fogueira que meu pai alimentava com tábuas de caixões e aduelas, Rosenda fazia adivinhações consultando uma bacia de água, na sala de seu Batista as moças brincavam de sortes, busca-pés estouravam na Rua da Cruz e no Cavalo-Morto. Debaixo de um mamoeiro de folhas torradas, Carcará assava milho verde na fogueira e largava risadas enormes. Meu pai dizia: — “Hi! parece um papa-lagartas.” Eu não sabia que espécie de bicho era o papa-lagartas nem porque meu pai se lembrava dele ouvindo as gargalhadas de Carcará. (A, seg. 38, 2003, p. 181).

Agora, a “reescrita” da mesma cena em *Infância*:

Era uma noite fria. Vozes misturavam-se na calçada, andava gente em redor de uma fogueira grande, no pátio. Estalavam brasas, labaredas cresciam, iluminavam pedaços de figuras, esmoreciam, e da sombra fumacenta vinham risadas longas. Meu pai, invisível, comentava:  
— Parece um papa-lagartas.  
Que seria papa-lagartas? Se meu pai não me esfriasse a curiosidade repetindo uma frase suja a respeito dos perguntadores, resolver-me-ia interrogá-lo. (I, “Chegada à vila”, 1995, p. 41).

Além da semelhança entre as cenas que envolvem a festa ao redor da fogueira, também nas duas obras os narradores se transferem da fazenda para a vila, e a descrição da chegada à vila é bem semelhante. Os dois meninos, tanto Luís da Silva, quanto o narrador de *Infância*, prestam atenção a um sobradinho com soldados, e ambos entram em uma casa e encontram uma mãe, com um filho e um gato. Os narradores repetem a mesma ação duas vezes, perguntando a quem o gato pertence. As diferenças principais são: um único soldado se debruça sobre a janela em *Angústia*, e são dois em *Infância*; a mulher não recebe um nome e amamenta o bebê em *Angústia*, chama-se D. Clara e dá papa à criança em *Infância*; Cabo José da Luz auxilia o menino perdido em *Angústia*, o que não ocorre em *Infância*. Os dois trechos podem ser observados abaixo, o primeiro de *Angústia*, e o segundo de *Infância*:

Lembrava-me da minha chegada à vila. As ruas me causavam grande espanto: nunca havia imaginado que as ruas fossem tão compridas e tão largas. **Saí de casa e comecei a passear na calçada, olhando a janela de um sobradinho onde se debruçava um homem fardado. Quis recolher-me e entrei pela primeira porta que encontrei. Na sala de jantar descobri uma mulher amamentando o filho, sentada numa esteira, com um gato de banda.** Fiquei encabulado e perguntei: — **“De quem é esse gato?” A mulher respondeu: — “É meu.” Saí e continuei a passear na calçada,** mas sem prestar atenção ao homem de farda que se debruçava à janela do sobradinho. **Arrisquei-me a entrar por outra porta. Na sala de jantar a mulher amamentava o filho. E o gato de banda. Tornei a perguntar: — “De quem é esse gato?” A mulher respondeu: — “É meu.”** Mais tarde cabo José da Luz me encontrou perdido e levou-me para casa. (*A*, seg. 25, 2003, p. 113, grifo nosso).

De repente me vi apeado, em abandono completo, num mundo estranho, cheio de casas, brancas ou pintadas, sem alpendres, notáveis. Havia duas maravilhosas: uma de quadrados faiscantes, uma que se montava noutra. **Avizinhei-me do sobradinho,** fugi medroso e confuso: nunca teria podido imaginar uma casa trepada. Na debaixo percebi criaturas vermelhas e azuis, todas iguais; **na de cima dois sujeitos se debruçavam, conversando, a uma janela,** e, nem sei por quê, talvez por estarem de poleiro, julguei-os enormes. [...] **Vi uma porta aberta, entrei, fui à sala de jantar,** farejando o meu povo. D. Clara, a mulher que ia chamar-se **d. Clara, sentada numa esteira, dava papa a um menino.** Embrulhei-me. E, descobrindo um gato, **perguntei de quem era o gato. D. Clara respondeu que era dela. Retirei-me, andei à toa na calçada,** procurando José Baía, muitas queixas fervilhando-me no interior. [...] **Enxerguei outra porta, enveredei por ela,** detive-me na **sala de jantar,** percebi o gato, a esteira, o menino e d. Clara. **Tornei a perguntar de quem era o gato e obtive a mesma resposta.** Esperei mais algumas palavras. Não vieram — e saí desapontado. (*I*, “Chegada à vila”, 1995, p. 42-44, grifo nosso).

Nas duas passagens acima, observamos como o relato da chegada à vila, nas duas obras, tem muitas semelhanças. Também vemos diferenças, que incluem o número de homens fardados em uma janela, as ações de D. Clara e a ausência de cabo José da Luz, no parágrafo anterior, diferenças pouco significativas em face da convergência entre os dois textos, convergência que sugere a “movimentação textual” entre o romance a autobiografia –

procedimento também acionado por diversos outros escritores brasileiros, dentre os quais José Lins do Rego e Oswald de Andrade, como mencionamos anteriormente.

Outra imagem muito recorrente nas duas obras de Graciliano Ramos aqui analisadas são as roseiras. Inicialmente, em *Angústia*, Luís da Silva relembra a época de escola com mestre Antônio Justino. Nesse trecho, aprendemos que havia uma casa em frente à escola, com um quintal cheio de roseiras, onde moravam três mulheres velhas. Luís compara as mulheres a formigas, que trabalham sem parar, cuidando das rosas. A lembrança das rosas faz o narrador voltar ao presente, explicando que também há roseiras no quintal de sua vizinha em Maceió, quintal em que conhece Marina, como vemos no trecho:

A escola era triste. Mas, durante as lições, em pé, de braços cruzados, escutando as emboanças de mestre Antônio Justino, eu via, **no outro lado da rua, uma casa que tinha sempre a porta escancarada mostrando a sala, o corredor e o quintal cheio de roseiras. Moravam ali três mulheres velhas** que pareciam formigas. Havia rosas em todo o canto. Os trastes cobriam-se de grandes manchas vermelhas. Enquanto uma das formigas, de mangas arregaçadas, remexia a terra do jardim, podava, regava, as outras andavam atarefadas, carregando braçadas de rosas.

Daqui também se vêem algumas **roseiras maltratadas no quintal da casa vizinha**. Foi entre essas plantas que, no começo do ano passado, avistei Marina pela primeira vez, suada, os cabelos pegando fogo. (*A*, seg. 3, 2003, p.14, grifo nosso).

Ao estudarmos a autobiografia de Graciliano Ramos, constatamos que o menino, ao chegar à vila de Buíque, depara com uma casa cheia de roseiras no quintal, onde moram duas ou três senhoras: “**No outro lado da rua um longo corredor expunha um quintal cheio de roseiras**. Deixei a farda, os galões, as paredes luminosas, fiquei muito tempo olhando as flores. [...] **Dois ou três velhas surgiram na casa das roseiras**” (*I*, “Chegada à vila”, 1995, p.43-44, grifo nosso).

Logo, verificamos que a descrição de Buíque, tanto em *Angústia* como em *Infância*, inclui a casa habitada por senhoras que cuidam de um quintal cheio de roseiras. Constatamos ainda, chegando ao final deste breve cotejo entre *Angústia* e *Infância*, que, na elaboração de algumas cenas, as duas obras se aproximam tanto no “conteúdo” dessas cenas quanto nas imagens e palavras que as compõem, sugerindo a circulação entre os trechos de uma e outra obra. Quanto aos personagens que habitaram a infância de Luís da Silva e a do menino de *Infância*, muitos deles se repetem nesta última obra, ganhando significados diferentes em uma e outra, ainda que, mais uma vez, os textos se assemelhem. Portanto – e respondendo à pergunta proposta na Introdução deste artigo –, se, de fato, o autor conviveu com os personagens representados em uma e outra obra, deu-lhes um tratamento diferente em cada uma delas, não pelo grau de ficcionalização que os recria (presente em ambas as obras), mas

pelo papel que desempenham na vida do protagonista: no romance *Angústia*, modelos que alicerçam ações violentas e (auto)destrutivas; na autobiografia *Infância*, lições de sociabilidade e humanidade.

#### 4 Conclusão

Após o cotejo entre as duas obras, é possível supor que Graciliano utiliza dados autobiográficos e experiências vividas por ele para compor suas obras ficcionais. Se as experiências relatadas em *Infância* foram de fato vividas pelo escritor quando menino, podemos afirmar que o autor, em *Angústia*, realiza formidavelmente a hibridização entre o autobiográfico e o ficcional. Ainda que não se possa afirmar a veracidade e autenticidade das cenas representadas em *Infância*, o fato é que, na obra autobiográfica, o escritor insere personagens, ambientes, experiências, situações – e até mesmo imagens e construções textuais – que compõem a urdidura de um de seus romances mais relevantes. A hibridização entre o ficcional e o autobiográfico se mantém, portanto.

É interessante notar que Graciliano Ramos, assim como outros escritores modernistas, começa pela ficção; e, mais tarde, elabora sua autobiografia. Pode-se sugerir que o escritor “ensaia” a autorrepresentação no romance *Angústia*; e, mais tarde, escreve a autobiografia *Infância*. Antonio Candido ressalta esse ponto na obra *Ficção e confissão*, e afirma, ao tratar de *Infância*: “De tal modo que a veracidade deste livro só encontra testemunho garantido nos outros de Graciliano Ramos, ou, para ser mais preciso, em *Angústia*. A ficção, neste caso, explica a vida do autor, ao contrário do que se dá geralmente” (CANDIDO, 1992, p. 50). Dessa maneira, enfatizamos que *Angústia* não é um romance autobiográfico, assim como também não o é a obra *Memórias sentimentais de João Miramar*. Porém, a composição de *Angústia* e de alguns de seus personagens nos sugere que o autor utilizou dados autobiográficos para elaborar seu romance. Sendo assim, “Poder-se-ia talvez dizer que Luís é personagem criado com premissas autobiográficas” (CANDIDO, 1992, p. 41).

Como o próprio Antonio Candido comenta, “O problema de Graciliano Ramos, como de muitos romancistas, é que **seus livros são espécies de proposições de uma vida possível. O menino de *Infância* é um embrião de Luís da Silva**, de João Valério e do próprio Fabiano” (CANDIDO, 1992, p. 52, grifo nosso); de tal forma que, “penetrando na vida do narrador menino, parece-nos que há nela o estofamento em que se talham personagens como Luís da Silva” (Idem, p. 50). Os dois personagens, tanto o ficcional (Luís da Silva, em *Angústia*), quanto o “autobiográfico” (o menino de *Infância*), têm uma infância semelhante: o sentimento

de solidão, de abandono e de incompreensão está em ambos os personagens (independentemente de todas as experiências relatadas em *Infância* terem sido verdadeiramente vividas pelo escritor). Portanto, o menino de *Infância* poderia desdobrar-se em um futuro Luís da Silva. Neste ponto, poderíamos perguntar, acerca do menino que figura no livro *Infância*: o que o redime ou o salva de uma existência semelhante à do torturado e frustrado personagem de *Angústia*? O contato rico e fecundante com a palavra, com a leitura, com o mundo das letras e dos livros, ... Mas este pode ser o tema para outro artigo.

Neste, depois de estabelecer o cotejo entre *Angústia* e *Infância*, observamos que Graciliano Ramos tece de forma admirável a hibridização entre o ficcional e o autobiográfico em seu romance *Angústia*. Antonio Candido sintetiza muito bem nossas considerações finais:

Assim, parece que *Angústia* contém muito de Graciliano Ramos, tanto no plano consciente (pormenores biográficos) quanto no inconsciente (tendências profundas, frustrações), representando a sua projeção pessoal até aí mais completa no plano da arte. Ele não é Luís da Silva, está claro; mas Luís da Silva é um pouco o resultado do muito que, nele, foi pisado e reprimido. (CANDIDO, 1992, p. 43).

E o menino que passeia pelas páginas de *Infância*? Embora também não se possa precisar o quanto de autobiográfico e de ficcional se misturam em sua composição, ele aponta para a possibilidade de uma existência e de um olhar não mais carregados de angústia, mas sim de humanidade e de abertura para o outro.

## Referências

- CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- GASPARINI, Philippe. **Est-il je?** Roman autobiographique et autoficcion. Paris: Éditions du Seuil, 2004.
- MIRANDA, Wander Melo. **Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago**. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2009.
- RAMOS, Graciliano. **Angústia**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- ROCHA, F. C. D. Ficções da infância em Graciliano Ramos e Murilo Mendes. In: XVI Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2012, Rio de Janeiro. Almanaque CIFEFIL. Rio de Janeiro: Cifefil, 2012. p. 621-632. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xvi\\_cnlf/tomo\\_1/056.pdf](http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/056.pdf)>. Acesso em: 13 jun. 2015.

SANTIAGO, Silviano. Posfácio. In: RAMOS, Graciliano. **Angústia**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003. p. 287-300.

SENNA, Homero. Revisão do Modernismo. In: BRAYNER, Sônia (Org.). **Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 46-59.